



ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA MATERNA DOS JOVENS INDÍGENAS DA RESERVA PARQUE DAS TRIBOS, NA CIDADE DE MANAUS/AM

Analysis of reading and writing difficulties in the mother tongue of young indigenous people
from the Parque das Tribos Reserve, in the city of Manaus/AM

Carmelita Pimentel Libório¹

Resumo

A língua materna é um elemento essencial para o desenvolvimento pessoal e cultural de um indivíduo. Para os povos indígenas, a língua materna é ainda mais importante, pois ela é o meio pelo qual eles expressam sua identidade e suas experiências. Ela é a base de sua cultura e sua história, assim como o meio pelo qual eles comunicam seus pensamentos e sentimentos. Esse aprendizado, é um meio de preservar a cultura, pois ela é a linguagem que os indígenas usam para contar suas histórias e compartilhar seus conhecimentos. Dentro desse contexto, emerge o problema da presente pesquisa, que se centra no seguinte questionamento: Quais as principais dificuldades da leitura e a escrita da língua materna dos jovens indígenas. Sendo assim, esse estudo assume o objetivo de fazer uma análise bibliográfica a respeito das principais dificuldades da leitura e a escrita da língua materna dos jovens indígenas. Situam-se metodologicamente dados qualitativos e quantitativos que apresentam, de forma ponderada e crítica sobre a principais dificuldades da leitura e a escrita da língua materna dos jovens indígenas. Os resultados apresentam que a língua materna é a única forma de se comunicar para muitos povos indígenas. Ela é usada para reforçar laços entre as comunidades e os membros da família. Ela também é um meio de reafirmar a identidade cultural e a conexão com a terra. Portanto, a língua materna é essencial para a sobrevivência de populações indígenas. Ela é vital para a preservação de sua cultura, sua história e seus conhecimentos tradicionais.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Povos Indígenas; Língua Materna.

Abstract

Mother tongue is an essential element in an individual's personal and cultural development. For indigenous peoples, mother tongue is even more important as it is the medium through which they express their identity and their experiences. It is the basis of their culture and history as well as the means by which they communicate their thoughts and feelings. This learning is a means of preserving culture, as it is the language indigenous people use to tell their stories and share their knowledge. Within this context, the problem of the present research emerges, which focuses on the following question: What are the main difficulties of reading and writing the mother tongue of young indigenous people. Thus, this study aims to make a literature review about the main difficulties of reading and writing the mother tongue of young indigenous people. Methodologically, qualitative and quantitative data are situated that present, in a pondered and critical way, the main difficulties of reading and writing the mother tongue of young indigenous people. The results show that the mother tongue is the only form of communication for many indigenous peoples. It is used to strengthen ties between communities and family members. It is also a means of reaffirming cultural identity and connection to the land. Therefore, the mother tongue is essential for the survival of indigenous populations. It is vital for the preservation of their culture, history and traditional knowledge.

Keywords: Reading; Writing; Indigenous peoples; Mother tongue.

¹ Mestra em Educação pela Universidad de La Integración de LAS Américas, Especialista no curso de Pós-Graduação na Universidade pela UEA/Universidade do Estado do Amazonas, em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas. E-mail: carmo.liborio.66@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6054-634X>.



Introdução

A língua materna é o meio pelo qual as culturas indígenas se expressam, transmitem conhecimentos e mantêm vivos seus princípios e costumes. A preservação dessa identidade e cultura é essencial para que os povos indígenas mantenham sua ligação com suas raízes, e a aprendizagem da língua materna é um passo fundamental para alcançar esse objetivo.

A língua materna é um meio de comunicação extremamente importante para que as comunidades indígenas se mantenham unidas e expressar seus sentimentos e pensamentos de uma forma que seja única e específica para sua cultura. Além disso, ela é um meio de preservar a identidade das gerações futuras e o conhecimento tradicional desses povos, como histórias, lendas, conhecimentos sobre plantas e animais, entre outros.

Dentro desse contexto, emerge o problema da presente pesquisa, que se centra no seguinte questionamento: Quais a principais dificuldades da leitura e a escrita da língua materna dos jovens indígenas. Sendo assim, esse estudo assume o objetivo de fazer uma análise bibliográfica a respeito das principais dificuldades da leitura e a escrita da língua materna dos jovens indígenas.

A escolha do tema, parte do pressuposto de que a aprendizagem da língua materna também é importante para que os indígenas possam se comunicar com outras comunidades de forma eficaz e estabelecer relações pacíficas, bem como contar com maior acesso a serviços básicos como saúde e educação. Portanto, a importância do aprendizado da língua materna para a população indígena é imensa, pois é o meio para preservar a identidade, a cultura e o conhecimento desses povos, além de permitir a comunicação entre as comunidades e o acesso a serviços básicos.

Situam-se metodologicamente dados qualitativos e quantitativos que apresentam, de forma ponderada e crítica sobre a principais dificuldades da leitura e a escrita da língua materna dos jovens indígenas. Aprender a ler e escrever é uma tarefa difícil para qualquer pessoa, mas para a população indígena é ainda mais desafiador. Isso se deve a diversos fatores, como o fato de que muitos não têm acesso à educação básica, que é necessário para desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Além disso, muitos falam línguas indígenas, que não são reconhecidas pelo governo e não têm materiais escritos com os quais as pessoas possam se familiarizar. A falta de recursos



também é um problema, pois os materiais escolares, como livros, podem ser difíceis de obter para a população indígena devido à sua localização remota.

Os primeiros registros históricos da escrita e suas principais concepções

“A escrita não foi o primeiro dos mecanismos de fixação cultural utilizados pela humanidade, embora se possa afirmar que é dos mais antigos” (Zilberman; Silva, 2004, p. 11). De acordo com Barbosa (2012) a escrita foi precedida por outros mecanismos de fixação cultural como o uso de símbolos, desenhos pictográficos, marcas e sinais, que eram utilizados para representar ou comunicar informações. Estas formas de representação estavam presentes nas antigas civilizações pré-históricas, como a egípcia, a mesopotâmica, a hitita, entre outras.

Seguindo essa linha histórica, Bezerra (2014) comenta que, a escrita é considerada como o mecanismo de fixação cultural mais antigo que ainda é usado. Ela surgiu há cerca de 5.000 anos e foi inventada por diversas culturas ao longo do mundo, como a egípcia, a mesopotâmica, a chinesa, a indiana e a mesoamericana. Nogueira (2019) pontua ainda que, com a escrita foi possível preservar e transmitir conhecimento, histórias, lendas, culturas e costumes de forma mais eficiente. Foi também um mecanismo fundamental para o surgimento das primeiras civilizações e para o desenvolvimento da cultura humana.

A escrita tem sido usada há milhares de anos para gravar informações que podem ser usadas e compartilhadas por gerações. A escrita permite que a informação seja armazenada de forma acessível, para que possa ser pesquisada, estudada, recuperada e compartilhada ao longo do tempo. Nas palavras de Maluf (2017), as pessoas usam a escrita para anotar ideias, contar histórias, registrar acontecimentos e lembrar das coisas. A escrita também permite que as pessoas compartilhem suas crenças e sentimentos com os outros.

De acordo com Nogueira (2017), as primeiras civilizações a desenvolver a escrita foram os sumérios, na Mesopotâmia, no fim do quarto milênio a.C., seguidos pelos egípcios, no terceiro milênio a.C., e pelos babilônios, no segundo milênio a.C. A escrita cuneiforme suméria foi usada para registrar leis, contratos, histórias e poemas. A escrita hieroglífica egípcia foi usada para gravar tanto textos religiosos quanto documentos administrativos. Os babilônios criaram um sistema de escrita cuneiforme baseado na língua acadiana.



Conforme Santos (2011a) a escrita indígena é um sistema de escrita usado por diversas culturas indígenas para registrar suas línguas, histórias, crenças e tradições. Os maias foram uma das primeiras civilizações indígenas a desenvolver a escrita. Essa civilização usava, um sistema hieroglífico para registrar fatos históricos, religiosos e até mesmo comerciais. De acordo com Silva (2017), eles também criaram um calendário de 365 dias que ainda é usado em algumas partes do mundo. Os maias também desenvolveram um sistema de numeração e escreveram livros sobre astronomia, medicina e agricultura.

Concordando com esse contexto, Silva (2007) comenta que, a escrita indígena inclui hieróglifos, códigos pictográficos e símbolos, que são usados para registrar as línguas indígenas, além de variados sistemas de escrita baseados em alfabetos. A escrita indígena também é usada para expressar ideias, histórias e outras informações culturais.

Todavia essa pesquisa, ressalta que a escrita indígena evoluiu ao longo do tempo, como resultado da necessidade de manter registros históricos e religiosos, conforme nos ensina Fernandes (2002), quando o autor explana que, a partir da Idade Média, os índios desenvolveram uma variedade de sistemas de escrita, incluindo hieróglifos, logográficos e alfabeticos. Cada sistema de escrita foi desenvolvido para atender às necessidades de sua cultura, e alguns sistemas também foram influenciados por outras culturas.

Sendo assim, pontua-se que escrever é uma habilidade essencial para a comunicação eficaz da humanidade. De acordo com Coelho (2006), a capacidade de expressar ideias por escrito ajuda as pessoas a serem compreendidas melhor, aumentando o seu poder de influência. Escrever bem também pode ajudar a melhorar o desempenho profissional, pois ajuda a criar documentos e cartas profissionais e bem estruturados. Além disso, escrever é uma habilidade importante para a aprendizagem - é mais fácil aprender um assunto quando se pode organizar os pensamentos por escrito.

Partindo desse cenário, o presente estudo esclarece que, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da escrita, pois é responsável por ensinar as habilidades necessárias para que os alunos consigam se expressar por meio da língua escrita de forma correta e eficaz. Para tanto, os professores devem estimular a criatividade e o pensamento crítico dos alunos, oferecendo atividades que os ajudem a desenvolver suas competências linguísticas e a refletir sobre como usar a língua de forma eficaz e coerente.



Fortalecendo a esse contexto, Prates (2004) reforça que, a escola também deve fornecer aos alunos os materiais necessários, como livros e computadores, para que eles possam praticar a escrita de forma segura e eficiente. Além disso, os professores devem fornecer feedback adequado, ensinar técnicas de edição e criar espaços para que os alunos possam discutir suas ideias e compartilhar seus trabalhos escritos.

Através dos estudos de Moreira (2003), foi possível observar que, a escrita possui etapas distintas, mas bem definidas de sua ação, pois quem escreve precisa planejar sobre o que, para quem e como vai escrever, o autor descreve:

- A primeira etapa é a da preparação, em que o escritor deve identificar o assunto a ser abordado, o público-alvo e o objetivo da escrita. Nesta etapa, também é importante pesquisar sobre o tema e realizar leituras relacionadas. É importante que o escritor tenha conhecimento sobre a melhor forma de abordar o assunto e também sobre as palavras adequadas para transmitir a informação.
- A segunda etapa é a de redação. Esta é a parte mais importante da escrita, pois é aqui que o escritor coloca toda a informação em palavras. É importante escolher o tom apropriado e ter cuidado com a clareza e a coerência dos argumentos.
- A terceira etapa é a de revisão. É necessário ler o texto várias vezes para verificar se todos os pontos estão claros e se não há erros de ortografia ou gramática. Se necessário, o texto pode ser ajustado para melhorar sua clareza e coerência.
- A última etapa é a de publicação. Aqui, o escritor deve se certificar de que o texto está pronto para ser lido por seu público-alvo. É importante também escolher a melhor forma de publicação, seja impressa, digital ou outra.

Sendo assim, Freitas (2008) comenta que, a escola tem papel fundamental no desenvolvimento da escrita indígena para os povos indígenas. Ela oferece a possibilidade de aprendizado do alfabeto e das habilidades de leitura e escrita em línguas indígenas. Isso possibilita que os falantes dessas línguas possam ter acesso à educação de forma igualitária, e não somente em línguas estrangeiras.

Além disso, a escola contribui para o fortalecimento da cultura indígena, pois oferece a chance de preservar as línguas e tradições por meio da escrita. Isso permite que a escrita indígena seja usada para fins educacionais, artísticos e políticos. Assim, ela pode servir como um mecanismo de resistência e preservação da cultura indígena.



Voltando a temática proposta nessa pesquisa, Coelho (2006) salienta que, a escola também pode auxiliar na promoção da educação indígena, pois pode oferecer programas que incentivem o uso da língua e da escrita indígena. Ao mesmo tempo, ela pode fornecer aos alunos indígenas acesso a materiais de ensino, como livros, atividades e outros recursos, que os ajudem no aprendizado da língua e da escrita.

Os sistemas de escrita indígena ainda são usados hoje, embora em menor escala. Eles são usados para preservar a cultura e a língua dos povos indígenas e são usados em projetos educacionais, como o ensino de línguas indígenas. Alguns sistemas de escrita também são usados em documentos oficiais, como contratos e certificados. Por fim, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da escrita indígena para os povos indígenas, pois ela possibilita o acesso à educação, contribui para o fortalecimento da cultura indígena, e incentiva o uso da escrita indígena.

As concepções da leitura

Ao longo dos anos, a leitura tem sido uma parte importante da vida das pessoas, para criar cultura, obter conhecimento e simplesmente passar o tempo. Johnson (2003) em seus estudos, aponta que, desde os tempos antigos, os seres humanos estão lendo, com a história de leitura remontando aos tempos bíblicos. Durante o Renascimento, a leitura tomou outra dimensão, com muitas obras literárias sendo produzidas e impressas em grandes quantidades para o público em geral. Com a descoberta da imprensa movida à eletricidade, a leitura tornou-se ainda mais popular.

Com a introdução de livros baratos, muitas pessoas passaram a ter acesso a livros que antes eram reservados à elite. De acordo com Chartier (2016), o acesso à leitura foi ainda ampliado com a criação da biblioteca pública. No século XX, as novas tecnologias permitiram que as pessoas acessassem materiais de leitura de forma inovadora. Os livros em PDF, e-books, blogs, artigos de jornal etc. tornaram-se mais acessíveis e convenientes.

A leitura é um ato essencial ao indivíduo, proporciona momentos de aprendizagem, descobertas, transformações, conhecimentos, compreensão de fatos. Nesse sentido, podemos assimilar a leitura como uma decodificação que não se restringe apenas aos signos linguísticos, pois a mesma tem uma interpretação bem mais ampla do que diz em um simples texto, a mesma consegue interligar vários mundos através de vários



contextos, uma verdadeira interação em conjuntura estabelecida em diversos momentos e formas no nosso cotidiano (Almeida; Silva, 2018, p. 70).

Hoje, a leitura continua a ser uma parte importante da vida das pessoas. As pessoas ainda recorrem aos livros, jornais e artigos de revista, mas também fazem uso da internet para acessar conteúdos de leitura. A leitura é ainda vista como uma maneira de adquirir conhecimento e informação, mas também é usada como entretenimento e lazer.

A leitura envolve a capacidade de compreender o significado das palavras, frases e parágrafos. Ela também envolve a decodificação de símbolos, letras e palavras. A leitura é um processo contínuo, que envolve a interpretação de textos, a compreensão de significados, e a aplicação de significados a outras áreas da vida. A leitura é uma habilidade importante para a comunicação, a aquisição de conhecimento, a resolução de problemas, e a tomada de decisões.

Esta habilidade é importante para a língua materna, mas também para o domínio de outras línguas. A leitura é essencial para o aprendizado acadêmico em todos os níveis, desde a educação infantil até a educação universitária, pois é uma habilidade central para o desenvolvimento da habilidade de pensamento crítico.

De acordo com Britto (2012, p. 18), “as palavras não têm propriamente sentido original e aquilo que significaram em outros tempos pode ser apenas memória encravada nos sentidos novos”. No entanto, as palavras podem evocar o passado, ou remeter para outros significados e contextos, como em jogos de palavras, provérbios, frases de efeito, entre outros. Ao longo dos tempos, muitas palavras têm ganho, novos significados, seja por mudanças semânticas, por influência de contextos socioculturais diferentes, ou por influência de palavras estrangeiras.

Assim, palavras que antes significavam algo específico podem ter mudado significado ou ganhado outros sentidos. Por exemplo, o termo “cool”, antes significava “calmo” ou “sereno”, mas hoje tem a conotação de “legal” ou “moderno”. Em suma, as palavras não têm necessariamente um significado original, mas com o passar dos tempos têm sido dotadas de novos significados, criando novas formas de expressão e comunicação.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de



expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 2016, p. 113).

Por isso, é importante que se tenha uma concepção bem definida do que é leitura. Para isso, essa pesquisa traz um recorte da obra de Carvalho (1997) onde o autor, ressalta que a leitura é o ato de interpretar e compreender o significado de textos escritos, a fim de adquirir conhecimento, informação ou entretenimento. Ela envolve a interpretação de palavras, frases, parágrafos e conceitos, bem como a compreensão de seu significado e mensagem.

Complementa-se ainda que, a leitura também pode envolver a aquisição de novos vocabulários, a compreensão de padrões, a interpretação de ideias e a capacidade de usar essas informações para formular novas ideias. Esta habilidade é necessária para desenvolver um pensamento crítico, colocar em prática habilidades de problema e resolução de problemas e, mais importante, para aprimorar a comunicação.

De acordo com Santos (2018), o uso da linguagem mudou significativamente nos últimos tempos, principalmente devido à influência das mídias sociais. O aumento da disseminação de informação e a facilidade de contato entre pessoas de diversos lugares do mundo, abriu espaço para o surgimento de novas formas de expressão. Concordando com essa ideia, Martinez (2019) acrescenta que, com o aumento da interatividade, as pessoas passaram a utilizar expressões e gírias que antes não eram usadas. Isso também contribuiu para a criação de novos estilos de escrita, formas de construção de frases e novas maneiras de expressar sentimentos.

Estas mudanças contribuíram para que novos textos passassem a circular em todos os tipos de meios de comunicação. Além disso, o surgimento de novas formas de comunicação, como o WhatsApp, fez com que as pessoas buscassem novas maneiras de expressar seus pensamentos e sentimentos. Assim, novas formas de linguagem passaram a serem usadas para expressar as mais diversas ideias nos mais variados meios de comunicação, desde textos informativos até conteúdos de entretenimento.

De acordo com Drucker (2017), essas mudanças na linguagem trouxeram novas possibilidades para a comunicação e possibilitaram que textos de diversos tipos passassem a circularem por todos os meios de comunicação. O estudo acerca de gêneros literários trouxe



consigo a possibilidade de uma leitura mais abrangente e inovadora do texto. No lugar de limitar-se a um único gênero, a leitura se abre para outras formas de interpretação.

Permite-se, assim, uma maior variedade de leituras e interpretações, como as realizadas a partir de diferentes perspectivas de gênero, cultura, transmissão de conhecimento etc. Ao mesmo tempo, a diversidade de gêneros literários trouxe a possibilidade de uma maior variedade de expressões artísticas, o que ampliou o leque de opções para a produção de novas obras.

Partindo dessa compreensão, Ferrari (2001) estabelece que, a conexão entre o leitor e o texto é fundamental para uma boa compreensão, pois permite que o leitor aprofunde o seu entendimento do conteúdo. O leitor deve ser capaz de estabelecer relações entre o texto e o seu contexto, buscando um significado mais profundo. Esta conexão também pode ser criada por meio de uma leitura analítica, onde o leitor é capaz de identificar as estruturas e os elementos presentes no texto, aplicando as suas próprias experiências ao longo da leitura, na promoção da cultura e conhecimento.

Partindo do supracitado, a presente pesquisa comenta que os povos indígenas têm uma grande variedade de conhecimentos e culturas. Por muitos séculos, esses povos têm vivido em harmonia com a natureza, criando um profundo respeito por ela. De acordo com Silva e Souza (2018), a leitura é importante para os povos indígenas porque ajuda a preservar memórias, histórias e conhecimentos tradicionais. O conhecimento antigo é transmitido através de lendas, contos, poesias e outras formas de literatura. A leitura também permite que os povos indígenas compreendam melhor o mundo ao seu redor, além de se conectar com as culturas ancestrais.

Almeida e Menezes (2020) frisam que, a literatura indígena, com suas histórias, mitos e lendas, é uma importante fonte de conhecimento para compreender a cultura, os costumes e a história destes povos. A leitura destas obras é uma forma de reconhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, bem como de promover o respeito e o diálogo entre os diversos grupos étnicos. A literatura indígena também permite aos leitores uma maior compreensão das relações entre estes povos e as outras sociedades ao longo dos séculos, bem como as formas como seus costumes e crenças influenciaram a cultura brasileira.

Sendo assim pontua-se que, a leitura é uma das mais importantes ferramentas para o desenvolvimento intelectual de qualquer indivíduo, especialmente para as crianças indígenas.



A promoção dessa leitura, é fundamental para o desenvolvimento de habilidades que são necessárias para o sucesso acadêmico, como a compreensão de texto, a memória, a organização de ideias e a capacidade de analisar informações.

Além disso, a leitura também contribui para o desenvolvimento de uma maior consciência cultural e o respeito por outras culturas e tradições. Quando os alunos indígenas têm a oportunidade de ler obras escritas por outras pessoas indígenas, isso os ajuda a compreender melhor a sua própria cultura e a valorizar mais os seus próprios costumes.

Para fortalecer essa ideia recorremos a Silva (2019), que nos diz que, dessa forma, a valorização da leitura é essencial para o sucesso acadêmico e para a conscientização cultural dos alunos indígenas. A promoção de programas que incentivem a leitura entre os alunos indígenas e a oferta de livros escritos por autores indígenas são fundamentais para garantir que eles possam desenvolver todo o seu potencial.

Seguindo esse contexto, Lasmar et al. (2015) discorrem em seus estudos algumas ações que podem auxiliar na promoção da leitura em uma sala de alunos indígenas, conforme lê-se a seguir:

1. Estabeleça uma rotina de leitura: crie um horário para que os alunos leiam todos os dias. Divida a turma em grupos para que cada um possa ler e discutir um livro.
2. Ofereça uma variedade de textos: procure livros que sejam relevantes para a cultura e história indígena. Estimule a leitura de diversos gêneros, como poesia, contos, romances, biografias, entre outros.
3. Desenvolva atividades práticas: faça jogos e dinâmicas que envolvam a leitura. Crie projetos que incentivem os alunos a criarem e compartilhar suas próprias histórias.
4. Incentive a partilha de experiências: faça discussões em grupo ou em sala para que os alunos compartilhem suas opiniões e sentimentos sobre o que leram.
5. Promova acesso a livros: incentive que os alunos levem para casa livros para que possam continuar a leitura durante o período de férias. Ofereça também livros em formato digital, para que tenham acesso ao material em qualquer lugar.
6. Ofereça bibliotecas: crie bibliotecas na escola ou em comunidades indígenas, para que os alunos possam ler e compartilhar livros. Estimule a realização de eventos para a troca de livros.



O fato é que os alunos indígenas deveriam ter oportunidades de aprender sobre suas próprias culturas, costumes e línguas, proporcionando-lhes uma melhor compreensão de sua identidade e história. Também seria importante incentivar os alunos a se envolverem com as culturas indígenas, através de atividades, discussões e até mesmo viagens para visitar as comunidades indígenas. A valorização da cultura indígena deve ser parte integrante do currículo escolar, para que os alunos indígenas possam se sentir incluídos e respeitados.

Sobre isso, Santos et al. (2016) comenta que, a leitura ajuda os povos indígenas a se defenderem de qualquer abuso de seus direitos. A leitura de documentos legais, contratos e diretrizes governamentais pode ajudar os povos indígenas a entenderem melhor seus direitos e proteger-se de quem deseja explorar seu território e recursos. Portanto, a leitura é um importante meio de preservar as culturas e conhecimentos indígenas, além de fornecer aos povos indígenas os meios necessários para se defenderem e lutarem por seus direitos.

No Estado do Amazonas, a leitura é uma habilidade essencial para o desenvolvimento de crianças e jovens, e a Secretaria de Estado da Educação (Seduc) tem investido na educação para os alunos indígenas, com o objetivo de ajudá-los a desenvolver essa habilidade. A Seduc oferece aos alunos indígenas a oportunidade de desenvolver seu potencial de leitura por meio do Programa de Desenvolvimento da Leitura para os Povos Indígenas (PDLI), que tem como objetivo promover a leitura para os alunos indígenas e ensiná-los habilidades de leitura fundamentais.

De acordo com Barros (2013) o PDLI oferece recursos de leitura, materiais pedagógicos e atividades de enriquecimento para os alunos indígenas, como oficinas de leitura, programas de leitura em voz alta, contação de histórias, jogos e outras atividades lúdicas. Além disso, o programa oferece aos alunos indígenas a oportunidade de participar em bibliotecas, exposições de livros e outros eventos culturais. Com o PDLI, a Seduc oferece aos alunos indígenas do Estado do Amazonas oportunidades para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, aprimorar seu conhecimento cultural e desenvolver outras habilidades importantes.



Estratégias de leitura e de escrita, na Educação Indígena

A educação indígena no Brasil tem sua origem na época pré-colonial, quando os povos indígenas desenvolviam suas próprias formas de ensino e aprendizagem. Porém, Oliveira (2007), nos diz que, a partir da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, a educação indígena passou a ser controlada pela coroa portuguesa. Durante a época colonial, os missionários católicos eram encarregados da educação indígena, e o conteúdo era focado na doutrinação cristã.

De acordo com Ribeiro (2006), durante o Império, os missionários foram substituídos por professores civis, que passaram a prestar serviços aos índios. No entanto, esse sistema de ensino ainda não contemplava a cultura dos índios, e muito menos suas línguas. Durante o período da República, a educação indígena foi reorganizada e passou a ser controlada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

Figueiredo (2012) acrescenta que, esse serviço criou escolas específicas para os índios, onde eram ensinados conteúdos cívicos e técnicos, além da língua portuguesa. Ainda nesse período, foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para garantir a proteção dos direitos dos índios. A partir das décadas de 1970 e 1980, a educação indígena começou a passar por uma fase de modernização. Nesse período, foram criados programas específicos para a educação indígena, como o Programa de Educação Escolar Indígena (PEEI) e o Programa de Educação Escolar Intercultural (PEEI).

Nas palavras de Santos (2011b), esses programas garantem aos índios acesso às escolas regulares, além de conteúdos que contemplam a cultura e a língua indígena. Atualmente, a educação indígena segue evoluindo, e a Constituição Federal de 1988 garante o direito à educação para os índios do Brasil. Existem diversos programas de incentivo à educação indígena, como o Programa Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEIEI), que tem como objetivo promover a valorização da cultura e da língua dos povos indígenas brasileiros.

Porém, Oliveira (2009), comenta que, mesmo com todos esses avanços, a educação indígena no Brasil tem sofrido com a falta de investimento por parte do governo, em especial nos últimos anos. Ela é vista como um elemento secundário no sistema educacional brasileiro, não recebendo os recursos suficientes para desenvolver os planos de ensino adequados para as



populações indígenas. Atualmente, a maioria das escolas indígenas são mantidas por organizações não governamentais ou associações indígenas. Eles tentam ao máximo oferecer uma educação que respeite a cultura e as necessidades dos alunos indígenas, e isso pode ser observado através de algumas legislações presentes em nosso ordenamento jurídico.

Dentre as diretrizes da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) (Brasil, 1996), estão previstos princípios específicos para a educação indígena, que visa a preservação e o fortalecimento dos direitos dos povos indígenas, reconhecendo a importância e a diversidade de suas culturas. Alguns dos princípios para a educação indígena previstos na LDB incluem o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas à educação, a promoção de programas de formação específicos para a população indígena, a garantia de participação dos povos indígenas na gestão da educação, a promoção da diversidade cultural e a asseguração de condições adequadas para o ensino das línguas e culturas indígenas.

A LDB também prevê a criação de políticas educacionais específicas para o atendimento das necessidades educacionais da população indígena, tais como a criação de escolas específicas para os povos indígenas, a implementação de programas de formação de professores indígenas, a promoção de projetos de inclusão social e a garantia de que os povos indígenas possam ter acesso a recursos educacionais de qualidade. Essa legislação também prevê a promoção de parcerias entre as instituições públicas e privadas para a realização de programas e projetos que visem à promoção da educação indígena. Essas parcerias permitem a troca de conhecimento e experiências entre diferentes instituições e povos, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação indígena de qualidade.

A educação escolar indígena presente na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (Brasil, 2028) se destaca por ser um processo escolar que prioriza:

1. A valorização dos saberes tradicionais e culturais indígenas;
2. O reconhecimento dos direitos territoriais e da diversidade étnica e cultural;
3. A promoção da autonomia e liberdade de expressão dos povos indígenas;
4. O respeito às línguas e culturas indígenas;
5. A promoção da igualdade de oportunidades e da inclusão social;
6. O uso de metodologias participativas e interativas;
7. O acompanhamento e o aprimoramento das ações de educação escolar para os povos indígenas;



8. A realização de estudos, pesquisas e projetos que contribuam para o desenvolvimento da educação escolar indígena.

Buscando na homepage da Seduc, observou que, a educação indígena no estado do Amazonas é realizada por meio de diferentes sistemas, como a Escola Tradicional Indígena (ETI), a Escola Indígena Regular (EIR) e a Escola Indígena Intercultural (EII). A ETI é uma forma de educação que busca preservar a cultura e os costumes dos povos indígenas, de modo que as crianças possam aprender os ensinamentos de seus antepassados, além de conteúdos acadêmicos. A EIR é uma forma de educação que busca a integração da cultura indígena com a educação regular brasileira, de modo que os alunos possam desenvolver habilidades acadêmicas e culturais.

A presença das escolas indígenas na cidade de Manaus é fundamental para a promoção da preservação da diversidade cultural na Amazônia. A educação indígena é uma das principais formas de manter vivas as culturas, línguas e tradições ancestrais da região. As escolas indígenas possibilitam o acesso à educação formal e, assim, o desenvolvimento profissional, social e intelectual dos jovens indígenas, o que contribui para o desenvolvimento da região. Além disso, as escolas indígenas também são importantes veículos de preservação da memória histórica e cultural dos povos indígenas, permitindo a transmissão de conhecimentos e de práticas tradicionais para as gerações futuras.

Para fortalecer a pesquisa, foi feita pelos autores uma visita de caráter observatório junto, a Escola Municipal Ukaumbuesara Wakenai Anamarehit, que está localizada na Reserva Parque das Tribos de Manaus, na cidade de Manaus, Amazonas. A escola oferece ensino fundamental de 1º a 9º ano, além de cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola possui uma equipe de profissionais comprometidos com a educação, com foco na formação de cidadãos conscientes e bem-informados.

O ambiente escolar é acolhedor, moderno e está equipado com recursos tecnológicos para promover a interação entre alunos e professores. Além disso, a escola conta com salas de aula equipadas de acordo com as exigências do ensino fundamental, laboratórios de informática, biblioteca, quadra de esportes e diversas outras atividades de lazer. A Escola incentiva o desenvolvimento de habilidades e valores fundamentais para uma formação completa e se dedica à busca pela excelência educacional.



Durante a visita a reserva foi possível notar que os jovens indígenas desfrutam de vários benefícios, como educação, acesso à saúde, incentivo à cultura, desenvolvimento econômico, dentre outros. De acordo com a homepage da, essa tem como objetivo proporcionar às comunidades indígenas um ambiente seguro e saudável, além de incentivar a preservação de sua cultura e a permanência em suas terras.

Os jovens indígenas têm a oportunidade de participar de atividades de educação formal e não-formal, que incluem cursos de formação profissional, educação ambiental, aprendizagem de línguas indígenas, formação em direitos humanos e empreendedorismo. Além disso, a Reserva oferece atividades educativas e culturais para as crianças mais jovens, como contação de histórias, jogos, dança e música.

Os jovens também têm acesso a serviços de saúde, através da clínica móvel que visita a Reserva periodicamente. A clínica oferece serviços como aferição de pressão arterial, exames de laboratório, vacinação, atendimento odontológico e ginecológico. Além disso, a Reserva também oferece serviços de assistência social e psicológica.

A Reserva também incentiva o desenvolvimento econômico e empreendedorismo dos jovens, através do Programa de Desenvolvimento Econômico e Capacitação de Jovens Indígenas (PDECJI), que oferece cursos de formação profissional, oficinas de artesanato, cursos de informática, programas de gestão de recursos naturais e outras atividades. O programa também oferece microcrédito para aqueles que desejam iniciar seu próprio negócio.

Além desses serviços, a Reserva também promove e incentiva a preservação de sua cultura indígena, através de oficinas de artesanato, eventos culturais e apresentações de dança e música. A Reserva também promove ações de voluntariado, para que os jovens indígenas possam contribuir para a melhoria da comunidade e do meio ambiente.

No campo educacional, tendo como base a literatura consultada para a efetivação dessa pesquisa, a promoção da escrita da língua materna junto aos indígenas pode enfrentar diversas dificuldades, tais como:

1. Falta de recursos para a criação de materiais de ensino personalizados: a criação de materiais de ensino personalizados para línguas indígenas pode ser um desafio, pois pode ser difícil conseguir recursos para tal.



2. Dificuldade de acesso à educação: muitas vezes, os membros das comunidades indígenas têm acesso limitado aos serviços educacionais, o que pode ser um empecilho para o aprendizado da língua materna.
3. Barreiras linguísticas: os membros das comunidades indígenas podem não ter acesso à língua portuguesa ou a outras línguas utilizadas na área, o que dificulta o ensino da língua materna.
4. Dificuldades de comunicação: a comunicação entre os membros das comunidades indígenas pode ser difícil devido às diferenças culturais e à falta de conhecimento da língua portuguesa.
5. Falta de professores qualificados: é difícil encontrar professores qualificados para ensinar línguas indígenas, pois a maioria dos professores são treinados para ensinar o português.

Já, as dificuldades da promoção da leitura da língua materna junto aos indígenas pautam-se na:

1. Falta de acesso a livros e materiais escritos em línguas indígenas: muitas comunidades indígenas não têm acesso a livros escritos em sua língua materna, o que dificulta a promoção da leitura.
2. Falta de professores qualificados: muitas comunidades indígenas não têm professores qualificados para ensinar a língua materna.
3. Falta de recursos: muitas comunidades indígenas não têm os recursos financeiros necessários para investir em programas de leitura.
4. Preconceito linguístico: muitas pessoas ainda veem a língua materna dos indígenas como inferior ou como uma língua 'inferior', o que impede que as pessoas a aprendam e promovam.
5. Falta de um sistema de educação apropriado: muitas comunidades indígenas não têm acesso a um sistema de educação que inclua a língua materna dos indígenas e que incentive a leitura.

As articulações dessas práticas são fundamentais para preservar e compreender a língua própria dos povos indígenas. Estes são muitas vezes subestimados e marginalizados, e a escrita e leitura indígenas podem contribuir para a valorização e aumento do conhecimento sobre a língua e cultura indígena.



Sendo assim, essa pesquisa ressalta que a escrita e leitura indígenas são importantes heranças para a sociedade brasileira. Elas representam a cultura e história dos povos indígenas e contêm conhecimentos sobre a natureza, a medicina e a cosmovisão indígena. Além disso, a escrita e leitura indígenas contribuem para a diversidade cultural do país.

Considerações Finais

A leitura e a escrita materna são fundamentais para o desenvolvimento de jovens indígenas. A leitura fornece aos jovens conhecimentos sobre a cultura e história indígenas, além de ampliar seus horizontes e ajudar na aquisição de novas habilidades. A escrita permite que os jovens expressem suas opiniões, sentidos e ideias, além de aperfeiçoar suas habilidades de comunicação, criatividade e expressão.

Por meio da leitura e da escrita materna, os jovens indígenas também adquirem conhecimento sobre a língua materna e sua cultura. Esses conhecimentos ajudam a identificar o que é importante e o que é desejável na cultura deles, permitindo que eles construam identidades culturais mais fortes e se conectem com as tradições e histórias.

Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental na promoção da leitura e escrita materna para os jovens indígenas. Isso porque a leitura e a escrita são fundamentais para o processo de aprendizado e desenvolvimento de habilidades. O professor pode estimular o interesse pela leitura e escrita materna, oferecendo materiais interessantes e relevantes para o contexto dos jovens indígenas. Além disso, o professor também pode ensinar técnicas eficazes para a leitura e escrita, como a leitura em voz alta, a análise de textos e a produção de textos.

Ademais, o professor também pode ajudar a criar um ambiente de aprendizagem seguro, onde os jovens indígenas podem sentir-se confortáveis para praticar sua leitura e escrita, perguntando e se arriscando em novas tarefas, sem o medo de falhar ou ser julgado. Por último, o professor deve ser um modelo de leitor e escritor, e compartilhar sua própria experiência na leitura e escrita materna com os jovens indígenas.



Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares de; SILVA, Clodoaldo Matias da. A importância da prática da leitura no ensino superior. **Marupiara - Revista Científica do CESP/UEA**, n. 2, p. 68-80, abr. 2018.
- ALMEIDA, W.M.B.; MENEZES, F.R. A leitura materna e a educação escolar dos povos indígenas. **Revista Brasileira de Educação**, 25(75), 1-20. 2020.
- BARBOSA, César. **Análise Histórica da Escrita**. São Paulo: Editora Juspodivm, 2012.
- BARROS, A.M.P. Programa de Fomento de la Lectura para Pueblos Indígenas: una experiencia en una escuela indígena de la Amazonia Occidental. **Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología**, v. 6, n. 1, p. 68-86, 2013.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016
- BEZERRA, Júlio César. **História da Escrita: Desenvolvimento e Evolução da Escrita**. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.
- CARVALHO, Paulo Freire de. **A importância da leitura**. São Paulo, Ática, 1997.
- CHARTIER, R. **História da leitura**. Volume 1: O Leitor e sua Prática. São Paulo: Editora UNESP. 2016.
- COELHO, Marta. A escrita indígena no Brasil: contribuições de antropólogos para o seu estudo. **Revista de Antropologia**, vol. 49, nº 3, p. 741-764. 2006.
- DRUCKER, A.M. A leitura e o seu papel na formação dos jovens no século XXI. **Estudos e pesquisas em psicologia**, 17(2). 2017.
- FERNANDES, Flávio. “Sorriso Teórico - Escrita Indígena”. **Revista de Antropologia**, vol. 45, nº 1, p. 183-208. 2002.
- FERRARI, Tarcísio. **Por que é importante ler?** São Paulo, Moderna, 2001.
- FIGUEIREDO, Ana Maria. **História da Educação Indígena no Brasil**: uma análise crítica. São Paulo: Cortez, 2012.



FREITAS, L.M. A escola e o desenvolvimento da escrita. In: FREITAS, L.M. (Org.).

Escrita: a construção da competência. São Paulo: Global, 2008.

JOHNSON, D. **The Development of Reading in the 20th Century.** London: Routledge. 2003.

LASMAR, A. F.; FRIAS, D. S.; GOMES, P. M. A leitura materna e o desenvolvimento da linguagem nos povos indígenas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 58, p. 49-69, 2015.

MALUF, Karina. **História da Escrita: Os Primeiros Passos na História.** São Paulo: Editora Saraiva, 2017.

MARTINEZ, M. M. A relevância da leitura no século XXI. **Revista de Educação**, 10(2). 2019.

MOREIRA, L.A. A escola e a aquisição da escrita. In: MOREIRA, L.A.; SANTOS, F. M. (Org.). **A aquisição da língua escrita.** São Paulo: Cortez, 2003.

NOGUEIRA, Maria de Lourdes. **A Escrita na Pré-História.** São Paulo: Imesp, 2019.

NOGUEIRA, Maria de Lourdes. **A Escrita na Antiguidade.** São Paulo: Imesp, 2017.

OLIVEIRA, Antonio de. **Educação Indígena:** história e presente. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

OLIVEIRA, Marize. **Educação Indígena no Brasil:** um estudo histórico-comparativo. São Paulo: Cortez, 2009.

PRATES, D. A escola e o desenvolvimento da escrita: um caminho possível. In: PRATES, D. (Org.). **Aprendizagem da escrita: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Cortez, 2004.

RIBEIRO, Márcia. **Educação Indígena no Brasil:** história e desafios. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, J.F. A importância da leitura no século XXI: um olhar sobre a formação do futuro cidadão. **Revista Educação em Debate**, 42(2). 2018.

SANTOS, Luiz Carlos. **Educação Indígena: desafios e conquistas.** São Paulo: Contexto, 2011a.

SANTOS, Matheus dos. **História da Escrita Indígena no Brasil.** Relatório de Pesquisa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011b.



SANTOS, S.N.E.; DA SILVA, M.R.; RAMOS, L.R.; CARVALHO, M.C. A importância da leitura materna para os povos indígenas: uma reflexão sobre a cultura e a educação. **Revista Brasileira de Educação**, 21(62), 553-570. 2016.

SILVA, J.D. A leitura materna no interior dos povos indígenas como meio de preservação da cultura tradicional. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 5(2), 24-31. 2019.

SILVA, Paulo. **Escrita Indígena no Brasil**: História, Cultura e Estudos. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Ronaldo V. **A escrita indígena no Brasil**: das línguas aos signos. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVA, L.A.; SOUZA, A.G. A importância da leitura materna para a educação de povos indígenas. **Revista Educação e Sociedade**, 39(145), 479-499. 2018.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T da. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In: ORLANDI, E.P. et al. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, p.11-17. 2004.

Trabalho apresentado em 01/10/2023

Aprovado em 13/12/2024